



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

BAJUBÁ: A GÍRIA DOS MARGINALIZADOS

LUCAS DOS SANTOS

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO Este trabalho surge com intuito de analisar o fenômeno gírio chamado de Bajubá. Dialeto este que se faz tão eficaz e, por isso, tão presente no meio social do grupo considerado como de gueto, os homossexuais. Assim, de maneira a fomentar as discussões sobre o nível de importância deste fenômeno foi feito esta pesquisa. Para tal, foram utilizadas as experiências vívidas do pesquisador com o grupo em questão, assim também leituras de artigo acadêmico e de embasamento teórico para dar suporte nos conhecimentos sobre os históricos da vida homossexual e da gíria em geral. Assim ficou evidenciado que a gíria Bajubá é uma linguagem viva e hábil no cotidiano homossexual e até heterossexual, construindo uma identidade capaz de atravessar décadas no meio social e fomentando, assim, a sobrevivência do grupo considerado como minoria, os *gays*. **Palavras-chaves:** Bajubá, homossexual, gíria. **ABSTRACT** This work appears with intention of analyzing the slang phenomenon called "Bajubá". This dialect is considered so effective and so present in the social matters of the group considered as ghetto, the homosexuals. Thus, this research was made in way to foment the discussions about the level of importance of this phenomenon. For such, the researcher's vivid experiences with the group were applied to ground the study; likewise readings of academic article and theoretical ground to support the knowledge on the historical life of homossexual, as well as their common slang. It was evidenced that the slang "Bajubá" is a vivid and skilled language in the homossexual daily life and even heterosexual do, building an identity capable to cross decades in social life and fomenting the survival of the group considered as the minority, the gays. **Key-words:** Bajubá, homosexual, slang.

Introdução: Em um país tão grande como o Brasil e tão diversificado em termos de culturas,

linguagem, mestiçagem, sexualidades, entre outros, é importante se atentar para as várias formas de interação que pode ocorrer no meio das comunidades sociais, estas podendo ser de jovens, adolescentes, grupos universitários ou grupos considerados restritos por não comungarem de valores padrões e/ou normas construídas pela sociedade, a exemplo dos homossexuais e das feministas. Os discursos que sempre foram um fator embasador de várias verdades que a nossa sociedade institui, vêm se desenvolvendo de várias maneiras e com diferentes abordagens. Eles podem variar de acordo com as necessidades de comunicação concernentes a cada grupo social, por isso que cada um perfaz uma realidade de interesses sociais distintos de um para o outro, assim, decorrente disso, estes grupos criam um fenômeno muito importante por facilitar na sua comunicação, a gíria. A gíria se configura como o fator central a ser estudado neste trabalho, ela que já foi alvo histórico de preconceito e ainda aparece como tal, principalmente em trabalhos acadêmicos, se faz presente no meio social de maneira bastante eficaz porque ela tem tido um teor no seu uso restrito ou comum, de defesa ou agressão. É o que vem acontecendo com o Bajubá, utilizada especialmente por um número razoável de pessoas biologicamente masculina que se declara não-heterossexual é uma gíria que tem um caráter restrito. O uso dessa gíria se dá principalmente quando os seus usuários estão em meio a pessoas consideradas heterossexuais ou simplesmente entre si. Portanto, o Bajubá torna-se uma variante que necessita ser analisada e trazida para conhecimento acadêmico, afinal também é pertencente a um grupo social que paulatinamente vem conquistando espaço nas discussões sociais, além de direitos e respeito pela sociedade, assim o ato de conhecer e compartilhar do uso lingüístico deste grupo em expansão social contribuirá para uma visão mais ampla sobre o mesmo. Este trabalho pretende também utilizar deste calão restrito para demonstrar à sociedade que esta tribo homossexual tem uma variante lingüística própria e bastante difundida nos meios sociais, incluindo, poucos, mas contém heterossexuais conhecedores e praticantes da gíria, e que apesar da variedade de pessoas falando-a, ela ainda não tem um caráter de utilidade comum a todos. **Metodologia:** A Internet foi o principal meio de acesso ao material do trabalho de campo, além das vivências do pesquisador com integrantes do grupo lingüístico escolhido. O *youtube*, site de difusão de vídeos da Internet, também ajudou no quesito de audição dos vocábulos e percepções das variações lingüísticas. Sem contar os aportes teóricos para embasar as ideias do material. A gíria é de um grupo estável e com forte presença no mercado, portanto o mercado editorial tem um forte grupo consumidor. **Universo homossexual atual:** Todo indivíduo está inserido em uma sociedade cultural e dentro de um entendimento de mundo coberto de raízes históricas que contribuem de alguma forma para todas as crenças que existem na sociedade, como as que regem os ideais de civilização, a exemplo do que se tem como modelo de ética e moralidade e dos direitos cívicos. Ideais esses que contribuíram de maneira bastante positiva para alguns, porém negativa para outros, principalmente no tocante do preconceito contra determinados grupos restritos, especialmente

contra o que se pretende trabalhar aqui que é dos homossexuais masculinos. Na sociedade atual, nota-se que muitas pessoas têm assumido com mais espontaneidade sua sexualidade como homossexual, também se vê a presença deste grupo sendo mais divulgada na mídia através de novelas, programas de humor, *reality shows*, noticiários, entre outros, e uma maior aceitação dada pelos pais a seus filhos em casa. Todos esses movimentos provam a eminência desta tribo, porém apesar de toda essa divulgação, ainda assim eles não deixaram de estar incluídos na margem da sociedade; de ser seres restringidos que ainda lutam por uma igualdade social ou por um mundo onde não tenham que lutar para desfrutar dos mesmos direitos cívicos que os dos sexos hegemônicos nomeados heterossexuais da sociedade. **Universo homossexual histórico:** Através de tudo isso e apesar dos muitos prós, enxerga-se um olhar negativo pairando sobre esta comunidade homossexual, entretanto esse olhar já teve um teor mais profundo e ainda mais negativo sobre eles. Primeiro, vamos fazer uma análise buscando lá na Grécia um respaldo positivo nas relações entre iguais, ou seja, entre indivíduos masculinos, e em segundo, buscando também no contexto histórico, veremos alguns fatores precursores na contribuição do olhar negativo, como a religião e a ciência. Muitas pessoas na sociedade atual desconhecem, por não ter estudado ou ouvido falar, que nem sempre a relação sexual entre homens teve caráter de marginalização, muito pelo contrário, ela já fez parte de uma conduta moral estando em um grande patamar na política social da sociedade grega. As pessoas desconhecem até mesmo que não havia sequer este nome para defini-los. Na Grécia antiga as relações entre os homens eram denominadas de pederastas (homem com mais idade que se relacionava com um mais jovem), tinha-se o *erastes* e o *erômenos* e suas relações se davam de maneira natural e ética, pelo menos assim é o que afirma o autor Costa (1992, p. 78) "*na Grécia clássica, por exemplo, as éticas sexuais eram, sobretudo, referidas aos chamados amores masculinos e tinham como modelo não a conjugalidade, mas as relações pederásticas*". Dentro dessa citação, Costa traz uma instituição muito valorizada entre os seres humanos, a conjugalidade, fator que embasa o valor de um homem emancipar uma mulher afetivo e politicamente como sua esposa e ao mesmo tempo valorizar a família. Contudo, na Grécia, um dos indivíduos que sofria discriminação pela ética sexual masculina era a mulher, de maneira que não tinha participação nenhuma comum na esfera social e política, ela estava vinculada somente as necessidades básicas que o homem tinha, como a reprodução e o cuidado da casa. Seu laço conjugal se dava através de um contrato informal produzido pelas obrigações religiosas e tinha como importância somente a divisão de bens (COSTA, 1992). O homem era a esfera maior perante o povo da época por ser político; havia um culto a liberdade dele que perpassava pela ética, e esta o permitia a relação sexual entre eles (COSTA, 1992). Todavia, com a hegemonia do ascetismo pagão e cristão e o grande evento de se estudar as sexualidades, o homem e a mulher passaram a ser estudados e vistos como iguais diante do advento do pecado, da tentação, da graça ou da salvação. Todos foram analisados pelo viés de como se comportavam

perante a volúpia e a concupiscência. Assim novos valores começaram a ser implantados dentre os povos, tendo como principais princípios o religioso e a proteção da família; a moralidade sexual e conjugal passaram a expurgar os pederastas e a impor um uma simbiose sexual (COSTA, 1992). Para adoçar e enraizar esses novos valores, um dos estudiosos que deu grande contribuição com seus estudos sobre a sexualidade humana desvalorizando as pessoas homossexuais com uma teoria chamada *Psychopatía sexualis* foi Kraft-Ebing que segundo Costa classificou as pessoas dividindo-as em três categorias sexuais

Os *bien portants*, dos normais, que excitavam com pessoas do sexo oposto e punham a excitação em serviço da reprodução; de outro, os perversos, que só excitavam partes do corpo das pessoas e que não tinham compromissos com a reprodução; e, por fim, entre os dois, no *no man's land* sexual, acomodou os invertidos que, apesar de se excitarem com pessoas, só sentiam atração pelo mesmo sexo e, portanto traíam a finalidade reprodutiva da natureza e do instinto de conservação da espécie (COSTA, 1992, p. 80). Conforme afirma o pesquisador “*com essa simples invenção, convenceu a maioria de nós de que o homossexualismo existe, e que sua teoria era um espelho da realidade ou uma descoberta intuitiva e objetiva da verdadeira natureza da sexualidade.*” (COSTA, 1992, p. 80). Partindo daí, a ética sexual resultou totalmente na simbiose, conjugal ou não, que impera até os anos atuais, onde o modelo de relação sexual entre dois homens é sinônimo de exclusão e perseguição social. **Gíria:** Na sociedade contemporânea existem vários tipos de demarcações; nela se demarca tudo que o ser humano tem acesso, como seu espaço geográfico, sua cultura, sua moral e ética, entre outros a sua linguagem. A noção de civilização parte de um todo para as partes, assim o que esse todo institucionaliza como verdade deverá ser tomado como tal para todos. Porém, a problemática começa a partir da grande diversidade que permeia os ciclos sociais que são formados por pessoas que pensam diferentes, que enxergam a vida diferente e têm, em muitas das vezes, necessidades peculiares. Entretanto, com toda essa diversificação de pensamentos, em alguns pontos, eles se encontram (familiarmente) e, por fim, as partes acabam se tornando um todo que resulta em grupos sociais que lutam por valores em comum que fazem seus corações palpitem, mais ou menos iguais. Muitos desses grupos sociais acabam que utilizando de certos símbolos comunicativos como a gíria para poder se comunicar, perfazendo assim uma linguagem restrita aos interesses somente deste grupo, tudo porque esses

participantes não aceitam todo um condicionamento de verdade que se esclarece como norma comum dos grandes centros civilizados. Referente a tudo isso a citação a seguir esclarece melhor:

Por sua própria natureza, o homem tende a repudiar esse condicionamento e até a reagir contra ele, porque o relega, linguisticamente, ao anonimato da grande massa falante. E, sempre que possível, determinados grupos se isolam, adotam uma linguagem especial (em particular no campo léxico), opondo-se ao uso comum (PRETI, 1984, p. 02). Para esclarecer melhor, a variante gíria surge como um grande suporte, um porta-voz, para servir aos falantes perante a sociedade porque estes têm uma necessidade de se expressar, mas de maneira que não sejam entendidos por aqueles que não fazem parte de sua comunidade. O resultado é um signo de grupo, por a linguagem especial servir ao grupo como elemento de autoafirmação, de realização pessoal, de marca original (PRETI, 1984). Para exemplificar essa ideia, pode-se citar a linguagem de estudantes das universidades, dos militares, dos marginais do crime, das pessoas que moram em favelas e periferias ou vendedores do mercado de feira, dos homossexuais em geral, todos eles fazem oposição ao uso comum da linguagem padrão culta da sociedade. Toda utilização de gíria por cada grupo perfaz um uso restrito, fenômeno este que caracteriza um signo de grupo e se dar pela dinâmica social e linguística de vocábulos especiais exclusivos. Assim, o falante na sociedade toma esse meio ideal de comunicação, pois este o diferencia no meio de milhares de falantes. Torna-se interessante a forma, o intuito desse uso que pode ser caracterizado como diferente e compensatório e pode até ser tomado como agressor. Por um lado, a gíria tem um teor bastante positivo, por outro, pode ter um teor também negativo. Ela é positiva por ajudar seus falantes a se comunicar e por através dela, eles serem capazes de manter uma relação mais estreita, forte e companheira entre si; do contrário ela é agressiva por ir de encontro ao padrão da norma culta que é algo bastante zelado pela elite intelectual e pela maioria da população (quem fala ou escreve), resumindo, isso é o porquê do uso ser chamado de restrito. **Contexto histórico da gíria:** Para elucidar a todos, tomando como base um possível questionamento sobre o porquê desse preconceito com utilização da gíria, o contexto histórico pode trazer essa alusão. Segundo o autor Preti (2006):

Os primeiros documentos com gíria parecem datar do século XV na França (o chamado *argot*) e surgem em versos de um poeta popular, François de Villon e em textos que não remetem à linguagem de marginais e mascates, durante o conturbado período histórico que se seguiu à Guerra dos Cem Anos, após a qual numerosas corporações criminosas infestaram a nação (Casciani, C. 1948: 6). (p. 243) O referido autor também ressalta em sua obra que não havia um interesse maior dos pesquisadores e linguistas em estudar este tipo de vocabulário, nesse período. E que isso indica um aspecto do processo preconceituoso em relação ao calão. Entretanto, a partir do final do século XIX, ocorreram os estudos mais significativos, tendo em 1890, o autor Queiroz Veloso que publicou em seu artigo, na *Revista Portugal*, a primeira lista de gíria portuguesa documentada, com 1355 vocábulos (PRETI, 2006). Como citado, o vocabulário gírio, a princípio, já carregava o preconceito de estudiosos da área, algo que acabou contribuindo para se tornar um fenômeno estigmatizado pela sociedade. Na sociedade, a comunicação se dar de várias maneiras: através da fala, escrita, gestos, entre outros. E essa comunicação é construída de acordo com a necessidade de cada grupo, ao qual os indivíduos, locutores e interlocutores, estão inseridos, tendo assim também os níveis diatrópicos (sócio-cultural) e diatópicos (geográfico) influenciando nas variações da fala (PRETI, 1984). Preti (1984) também afirma que:

A obediência sistemática e inconsciente à norma lingüística, de certa maneira condiciona os indivíduos a articularem um mesmo pensamento de forma mais ou menos idêntica, na comunidade em que vivem. E, apesar do aspecto individual, o ato falado comum tende a evitar a diversidade (porque esta prejudica a comunicação, informa de maneira não usual), a unificar as variedades sinonímicas, a repudiar a expressão preciosa ou difícil, a suprimir a faculdade de escolha na linguagem. Seu ideal é exprimir cada coisa de uma só maneira. (p. 01)

Ou seja, os indivíduos da sociedade possuem toda uma norma que legitima o que é coerente se usar durante as práticas linguísticas sociais, e isso está impregnado de tal maneira nos inconscientes de difícil dissociação, devido a este fenômeno as pessoas praticam as normas de maneira sistêmica a procurar sempre manter um padrão comum no grupo. Todavia, a realidade é totalmente distinta, isso por a convivência dos seres humanos está sempre

ligada à diversidade, e isto é algo irreparável, foge ao controle do sistema, pois as práticas linguísticas lidam com várias populações, grupos ou comunidades; e a linguagem vai fluindo diversificadamente, dependendo das realidades que se dão a níveis geográficos e sócio-cultural dos falantes. A nível sócio-cultural seria “quanto mais vulgar for uma pessoa, tanto mais sua linguagem leva o selo da comunidade em que vive; quanto mais forte e original a sua personalidade, tanto mais peculiar e próprio será o colorido de sua linguagem.” (JESPERSON *apud* PRETI, 1984, p. 02); a nível geográfico entraria os *meios de comunicação de massa* que ensinam a dizer as coisas de forma igual, espalhando até pelas comunidades interioranas a *norma* urbana (PRETI, 1984). **Bajubá:** O Bajubá, ou Pajubá, foi uma língua africana comum que os negros traficados como escravos para o Brasil colonial/imperialista encontraram para se comunicarem. Formado basicamente pelas línguas Nagô e Iorubá, o Bajubá tem um dialeto relativamente simples (PELÚCIO, 2007). É curioso pensar que seu vocabulário é muito mais extenso e variável em relação à comida e utensílios domésticos, assim como para figuras do dia-a-dia, como menino (erê, amadê), homem (anuna, oco, ekê) ou mulher (mapô, amapô). Isso porque era praticado por pessoas cujo cotidiano se restringia bastante aos afazeres do lar, onde os personagens eram quase sempre os mesmos, mas havia incontáveis ingredientes, instrumentos e pratos a serem nomeados (CRISCIO, 2011). Sem registro escrito, o Bajubá atua significativamente entre os frequentadores e participantes de religiões de matriz-africana. Tais religiões adaptaram-se ao contexto cultural brasileiro e por isso incorporaram significados locais ou contextuais para os vocábulos de origem africana. Acredita-se que grande parte do Bajubá deva ter se perdido por falta de uso. Além disso, é muito provável que não deveria existir apenas uma língua geral entre todos os negros trazidos para o Brasil, já que os africanos escravizados no nosso país vieram de diversos locais da África, por conta disso falando diversas línguas (CRISCIO, 2011). Durante a revolução sexual da década de 60, muitos clubes alternativos das grandes cidades brasileiras começaram a usar o *show* de travestis e *drag-queens* como atrativo. Ao final da década de 70, esta prática já estava consolidada e, de alguma maneira, esses performistas encontraram um meio onde eram aceitos e tiravam seus sustentos, assumindo assim integralmente sua opção de vida. Banidos do restante da sociedade, porém, parte deles encontraram

aceitação nas religiões de matriz-africana. Respeitados como qualquer outro frequentador do culto, eles adotaram o Bajubá como sua linguagem pessoal, criando a partir daí uma identidade linguística que tanto os demais da sociedade (e aqui se inclui a polícia) passa a ser também uma forma de preservação, de camuflagem. (TREVISAN, 2000) Este tipo de gíria bastante usufruído pelo grupo considerado menos favorecido pela sociedade, conforme vimos as travestis, serviu como gíria de defesa por elas serem um grupo discriminado pela sociedade, ou seja, toda valorização desta gíria ocorreu simplesmente pela necessidade de se camuflar, afinal, havia uma necessidade de comunicação, porém esta não poderia ocorrer por via do português pois esta comunidade tinha medo de retaliação social que se dava, principalmente, pelos policiais (CRISCIO, 2011). No contexto da sociedade contemporânea, os homossexuais masculinos vivem uma situação quase que simultânea com a citada anteriormente: estes fazem o uso do Bajubá, por exemplo, quando estão em um determinado local onde a maioria é formada por heterossexuais, ou não, que cultuam a norma culta e odeiam palavras chulas, ou seja, estão sempre em favor do uso da norma culta padrão, e querem falar algo sobre um determinado acontecimento de teor criptológico, especialmente envolvendo uma relação sexual ocorrida ou que ocorrerá futuramente, ou quando sentem o perigo de ser expurgado por fazer valer vocabulários chulos que não convém ao uso linguístico considerado ideal pela a maioria da sociedade “intelectual”, ou para o local onde eles se encontram, usufruem do Bajubá para se comunicar. De acordo com Preti (1984)

Essa oposição ao *uso* provoca, de imediato, duas reações diversas na comunidade: a primeira, de crítica, de condenação, porque inflige os padrões linguísticos, opõe-se agressivamente à tradição, mantida em especial pela escola; a segunda de curiosidade, dado que toda e qualquer reação às regras sociais vigentes causa admiração, e o *uso restrito* evoca hábitos, atitudes, atividades pouco correntes e, muitas vezes, contestatórias. (p. 03) Partindo dessa afirmação, o Bajubá acaba que caracterizando um tipo de gíria que, assim como muitas outras existentes, produz um signo de um grupo que tem uma dinâmica de vida reprimida, no comportamento e na fala. Para exemplificar o uso desse calão, com mais eficiência, torna-se necessário diferenciar duas situações possíveis, correspondentes ao uso. Primeiro, olhar o Bajubá causando uma reação de

crítica, de condenação: isso pode ocorrer, por exemplo, quando dois indivíduos, que estão entre determinadas pessoas que não têm conhecimento algum sobre o jargão, desatam a dialogar utilizando-o constantemente, assim o outro que está totalmente deslocado, poderá se sentir excluído e reagirá de forma crítica desfavorecendo todo o uso da gíria porque ele tem o apoio da norma padrão que o permite condenar.

Segundo, reação de curiosidade: nesta mesma situação, uma determinada pessoa que não tem conhecimento algum sobre o jargão, ao ouvi-lo, pode ficar curiosa e interessada, e partir em busca do seu entendimento. Em suma, em qualquer uma das situações acima a pessoa continua ou passa a fazer parte da marginalidade em oposição à comunidade que dita as normas e as fazem como padrão, moral e ético. Neste sentido este trabalho poderá contribuir no entendimento desta gíria para que através do conhecimento, as pessoas possam deixar de ser leigas com respeito ao grupo de falantes e procurar atenuar o preconceito contra eles. **Vocabulário básico do Bajubá/Pajubá:** **amapô** – (*do pajubá*) *s.f.* **1** vagina; órgão sexual feminino; **2** mulher variante: **amapoa**] **aqué** (aqüé) – (*do pajubá*) *s.m.* dinheiro **babado** – (*do pajubá*) *s.m.* acontecimento significativo, podendo tanto ser bom quanto ruim; o mesmo que *basfond/bafão* **bafão** – (*de basfond, corruptela do francês*) *s.m.* notícia, novidade de especial importância; acontecimento significativo, podendo tanto ser bom quanto ruim; o mesmo que *babado* **bafo** – (*derivação de bafão*) *s.m.* notícia, novidade; acontecimento significativo (*sentido criado por analogia com bafão, como se esta fosse uma palavra no aumentativo*) **bajubá** – *s.m.* socioleto que incorporou vocabulário de línguas africanas ao português brasileiro; popularizado como antilinguagem empregada entre travestis [variante: *pajubá*] **climão** – *s.m.* saia justa, clima pesado ou tenso entre duas ou mais pessoas. **ebó** – (*do pajubá*) *s.m.* macumba **edi** – (*do pajubá*) *s.m.* ânus **elza** – (*do pajubá*) *s.f.* roubo (*Dar a elza* – roubar) **fazer carão** – fazer pose, ser esnobe, arrogante **gongar** – *v.* tentar prejudicar; derrubar; torcer contra; ridicularizar.

horrores – *adv.* muito, demais; advérbio de intensidade. Ex.: “*Bebi horrores*” = “bebi demais” **jeba** – (*do pajubá*) *s.f.* órgão genital masculino de proporções avantajadas; o mesmo que **benga mala** – *s.f.* genitália masculina, especialmente quando visível sob a roupa) **montado(a)** – *adj.* muito arrumado(a) (por exemplo, para sair), produzido(a) ao extremo **neca** – (*do pajubá*) *s.f.* órgão genital masculino **picumã** – (*do pajubá*) *s.m.* cabelo; peruca; cabeleira **racha** – *s.f.* mulher **uó** – *adj.* desagradável, ruim Agora, algumas ilustrações com os termos para o leitor entender mais como acontece, mais ou menos, o uso do calão. Para isso, serão utilizados dois personagens fictícios, P1 e P2, e o diálogo será destrinchado com base em experiências vividas pelo pesquisador deste artigo: P1- “*Bicha, estou afim de ficar com um oco*”; P2- “*Mas, o oco tem uma amapô?*

”; P1- “*Não. até onde eu saiba. ele é solteiro*”; P2- “*E você já sabe se a mala do oco é odara?*

”; P1- “Não sei, mas se for *matchin*, eu a quero assim mesmo.”; P2- “Vixe, *maricon*a, você está ‘loca’ para aquendar com ele, não é?”

; P1- “Estou sim, louca para dar meu *edi*.”; P2- “E se ele lhe pedir *aqué*?”

”; P1- “Direi que não faço por dinheiro, não sou banco.” P2- “Então se joga, bonita!”. Esta seria um tipo de conversa convencional, onde os participantes discutem uma situação, somente entre eles (sem nenhum perigo que poderia provir de qualquer tipo de agressão social), e fazem o uso do Bajubá por puro prestígio, ou seja, por livre arbítrio, dar até para notar a espontaneidade na aplicação de cada vocábulo que vai surgindo conforme a língua materna, esta que surge como aliada do calão. Outro ponto seria referente o uso das palavras consideradas de nível baixo (palavrão). O leitor pode notar isso, claramente, na maioria das palavras que foram substituídas por outras do Bajubá, são palavras vulgares que mesmo numa situação como essa, onde só se encontram os dois personagens, servem como um eufemismo para os falantes, pois estes já estão tão podados pelas regras que aprenderam na escola ou em casa e através de outras vias, que não ficaria educado expressarem-se utilizando termos como aqueles de baixo calão, pois “*a linguagem obscena pertence ao campo dos tabus linguístico...*” (Preti, 1984, p. 27). **Considerações finais:**

Os grupos sociais da sociedade sempre foram capazes de criar vocábulos diferentes das palavras mais convencionais usadas pela maioria das pessoas para se comunicar. Daí surge os vocábulos de gueto. A análise feita neste trabalho demonstra o quanto que a gíria chamada Bajubá se faz conveniente na comunicação de sobrevivência do dia-a-dia dos homossexuais, pois através dela é possível manter um diálogo sem correr riscos de agredir a outro, ou ainda, de ser agredido por alguém que possa não gostar do que possa ser ouvido. Como quaisquer seres que sempre procuram um jeito de sobreviver em meio as conturbações da vida, a gíria surge para dar suporte e facilitar as comunicações dos gays, perfazendo assim um dialeto de suma importância para se estudar, afinal o grupo em questão está em emancipação no meio social. Por isso não se dá mais para não se enxergar esta questão e, sim, olhá-la e estudá-la, trazendo ao mundo acadêmico ele (O Bajubá) que já existe no mundo social afora há tempos.

Referências Bibliográficas: BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. COSTA, Jurandir Freire. Conjugalidade, ética sexual e parceria. In: _____ **A inocência e o vício. Estudos sobre o homoerotismo.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992 CRISCIO, Tamires *et. al.* **Linguagem das tribos:** os homossexuais. [online]. Disponível em <http://www.usp.br/cje/entretextos/exibir.php?>

texto_id=87.

Acessado em 15 de janeiro de 2016. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 1996. JESPERSON, Otto. **Humanidad, nación, individuo**. Buenos Aires, Revista de Occidente Argentina, 1947, p. 107. PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele**: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – área de concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura). São Paulo. UFSCar, 2007. PRETI, Dino. A gíria na língua falada e escrita: uma longa história de preconceito social. In: _____ (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 241. _____. **A gíria**: um signo de agressão e defesa na sociedade. In _____ **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz: USP, 1984, p. 01. TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

* Professor de Língua Inglesa da Rede Estadual de Ensino Básico de Sergipe E-mail: luscatosx@gmail.com

Recebido em: 23/06/2016

Aprovado em: 24/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: